Felizes os pobres no Espírito

UM PROBLEMA ATUAL

Nossa formação greco-racionalista (falo dos que costumamos ler esta revista, não do nosso povo afro-indígena) sempre nos leva a distinguir e separar a realidade em dois planos, o espiritual e o material. Planos que não são harmoniosos entre si, mas antagônicos.

Para nós o processo do conhecimento, da história, do desenvolvimento humano passa necessariamente por este dualismo que só pode ser corretamente superado quando o espiritual governa o material. O contrário seria o caos, a desordem, a confusão.

Tudo deve ter uma razão que o faça lógico, para ser vivível corretamente. O que não é lógico assusta, amedronta, afasta. Por isso o ridicularizamos, fazemos chacotas, contamos piadas, ou, por outro lado, o sublimamos, o idealizamos, o *espiritualizamos*: para não extravasar nossos medos, para não nos deixar derrotar pelo caos, pela desordem.

Sigmund Freud aplicou isso tudo à *libido*, à sexualidade, que alma nenhuma consegue governar, controlar, ou dominar plenamente. Max Weber o aplicou ao *poder*, sobretudo ao poder econômico e político. Karl Marx à *religião*, o grande instrumental ordenador, no caos das relações entre as classes sociais em luta.

Creio que nós também continuamos aplicando esta *distinção* nas nossas reflexões que sempre, no fundo, têm uma base dualista.

Entre biblistas está acontecendo o mesmo.

A chamada *leitura sociológica da Bíblia*, que já teve um papel importantíssimo nos anos oitenta, parece estar hoje, segundo alguém, definitivamente superada, incapaz de corresponder às exigências de uma militância que ainda não se recuperou da queda do muro de Berlim e que se sente cansada de tantas batalhas que não deram em nada.

Descobre-se que a teologia da libertação não deu importância ao corpo, ao afetivo, ao indivíduo, não soube tratar as relações de gênero, não considerou a dimensão ecológica e, até mesmo quando falou de pobres, o fez de maneira economicista, falando de *trabalhadores* e não levou em conta a cultura, sobretudo a afro. Percebemos que falamos demasiado em cruz, conflito, perseguição e esquecemos o prazer, o *lúdico*, a festa.

Isso é verdade. Mas fomos nós, os teólogos, os biblistas, os assessores, que fizemos isto.

O povo não. O povo nunca esqueceu o prazer e a festa e sempre soube mesclá-la muito bem com a cruz e a perseguição. O povo é negro, é mulher, é índio, é criança, é menor abandonado...

Parece que hoje estamos carecendo de espiritualidade; que a leitura sociológica não tinha espiritualidade. Parece que para animar, dar esperança, motivar, precisamos falar menos em política, em sociologia.

Mais uma vez o dualismo... como sempre, desde os tempos de Platão e de Aristóteles, os ideólogos do imperialismo grego, que, a serviço do mercado internacional, inventaram a existência da alma e levaram todos a crer nela e na sua primazia.

Mas então como falar em espiritualidade sem cair na armadilha do dualismo, sem continuar a falar de atividades da alma?

AS BEM-AVENTURANÇAS

Este mesmo dualismo se aplicou normalmente ao estudo das bem-aventuranças, sobretudo quando as de Lucas foram geralmente consideradas mais *políticas* e as de Mateus mais *espirituais*, justamente por ter acrescentado à palavra pobre a palavra espírito.

A maneira tradicional de resolver a questão sinótica faz apelo à hipotética *fonte Q*, para explicar as semelhanças entre Lucas e Mateus. Segundo esta hipótese, o texto de Lucas seria o mais próximo da fala original de Jesus.

Pessoalmente não aceito esta hipótese, que precisaria de muitas outras hipóteses para se sustentar, mas me interessa saber que Jesus teria sido mais *político* e que a igreja posterior foi mais *espiritual*. Esta dinâmica parece permanente!

Parece-me necessário trabalhar mais uma vez este texto de Mateus (já o fiz uma vez, em *Estudos Bíblicos* nº 12, p. 8 a 10) para resgatar a verdadeira dimensão espiritual desta página.

Aqui nós temos a síntese do que uma igreja antiga considerava ser espiritualidade. Refletir-nos nela, como num espelho, pode contribuir para a nossa espiritualidade, hoje.

a) A estrutura do texto

Incomoda um pouquinho o fato das bem-aventuranças serem oito. Parece não ser comum. Melhor seria se fossem sete. Neste caso alguns exegetas retirariam a segunda, a dos *mansos*, que poderia ser uma repetição da primeira, pois no hebraico (ver Sl 37,11) o termo usado é o mesmo: *pobres/anawim*.

Já com isso está-se reinterpretando a palavra *pobres* da primeira bem-aventurança. Aos pobres de espírito o reino dos céus, aos pobres a terra em herança.

Eliminando a segunda, eliminaríamos toda a questão fundiária e ficaríamos só com o reino dos céus.

Outros, baseados na estrutura do texto de Lucas (4 bem-aventuranças e 4 maldições), conservam o esquema das oito bem-aventuranças, fazendo um paralelismo entre as primeiras quatro e as outras, como se fossem duas páginas uma ao lado da outra.

Pessoalmente defendo uma estrutura homogênea, muito bem articulada, segundo o método da *inclusão*.

Neste caso a primeira e a última bem-aventuranças são a moldura e a chave interpretativa.

O tempo presente, comum nas duas, e a promessa igual: *deles é o reino dos céus*, justificam esta hipótese.

A primeira e a última dizem a mesma coisa, são uma o inverso da outra, os dois lados da mesma moeda.

Felizes os pobres no Espírito, porque deles é o Reino dos céus
os mansos *herdarão* a terra
os que choram *serão* consolados
os famintos de justiça *serão* saciados
os misericordiosos *alcançarão* misericórdia
os puros no coração *verão* a Deus
os pacificadores *serão* chamados filhos de Deus
Felizes os perseguidos por causa da Justiça, deles é o Reino dos céus.

No meio, as outras seis, ao futuro: *herdarão, serão, alcançarão, verão...* quase a explicar, a marcar rumo, a determinar caminhos.

b) Uma questão de tradução

A tradução deste texto é decisiva. Sobretudo da primeira bem-aventurança.

Coloco o texto grego e a tradução logo abaixo:

μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι ὅτι αὐτῶν ἐστιν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν
felizes os pobres no espírito porque deles é o reino dos céus

TO: um artigo dativo, sem preposição. Nas nossas traduções encontramos a preposição sem o artigo: *de* espírito, *em* espírito... quando já não encontramos a interpretação e o comentário: coração de pobres, que escolhem ser pobres, pobres de coração...

Por que se eliminou tão facilmente este artigo? Jacques Dupont gastou umas páginas para dizer que este artigo podia ser deixado de lado na tradução. Mas por que não deixá-lo?

Porque Espírito, com o artigo, cheira a Espírito Santo, pelo uso comum na Bíblia. Com demasiada rapidez se tenta eliminar esta possibilidade que daria todo um outro sentido a esta bem-aventurança.

Dativo sem preposição: segundo a minha gramática grega (Antônio Freire, Livraria Apostolado da Imprensa, 1956, p. 195-198) pode ser complemento de causa: *pelo Espírito*; de modo: *segundo o Espírito*; de instrumento: *no Espírito*; de companhia: *com o Espírito*; de fim: *para o Espírito...*

Podemos escolher à vontade, mas creio que seja necessário deixar o artigo e deixar a conotação de espírito como o Espírito Santo.

As concordâncias do Novo Testamento que costumo usar se apressam em dizer: espírito humano, assim como em Mt 26,41: o espírito está pronto, mas a carne é fraca. E quem disse que neste caso Espírito não seja também o de Deus (assim quase sempre em Paulo, na relação Espírito/carne).

Em todos os outros casos, Mateus usa esta palavra para falar do Espírito de Deus, ou dos espíritos maus. Mesmo nos casos em que não acrescenta explicitamente a palavra *santo*, é dele que Mateus fala (Mt 4,1; 12,18.31; 22,43).

Por que não aqui, justamente no discurso que resume toda a mística de Jesus?

Se quisesse falar do espírito humano podia muito bem usar, como em outros tantos casos, a palavra grega *psyque/vida* (2,20; 6,25; 10,28; 10,39; 11,29; 12,18; 16,25; 20,28; 26,28). Ou, melhor ainda, podia falar, feito hebreu, como falou na sexta bem-aventurança: *felizes os puros no coração*. Aliás aqui temos outra construção parecida, com o dativo sem preposição. Coração: este para o hebreu é o espírito humano. Assim em Mateus.

c) Uma interpretação

A partir destas premissas literárias podemos tentar uma interpretação que venho divulgando, faz anos, em encontros e cursos.

Quem é o pobre no Espírito?

O pobre no Espírito não é simplesmente a pessoa sem bens, ou a pessoa desapegada das coisas materiais, ou o humilde, ou outra coisa parecida. Não basta! Não é algo que depende só de nossa atitude ou realidade. Precisamos ir além.

O pobre no Espírito é aquele que obedece ao Espírito, se deixa levar por ele, não peca contra o Espírito Santo.

E o sinal de que isto acontece é a perseguição por causa da justiça.

O pobre no Espírito é aquele ou aquela que são perseguidos por causa da justiça. São os que buscam em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça; os que não têm outra preocupação, nada põem antes da justiça do reino de Deus.

Uma justiça que provoca a perseguição não pode ser muito sublimada, ou idealizada; não pode ser reduzida a algo meta-histórico, celestial, espiritualista. É a justiça de quem crê que o Reinado de Deus já chegou e conseqüentemente age.

O que é Justiça?

O próprio Mateus se encarrega de nos apontar rumo, indicar métodos. As demais bem-aventuranças são a concretização da "justiça". Por isso estão ao futuro, porque isso ainda não aconteceu.

Justiça é fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que este futuro se transforme, aos poucos, em presente. Justiça é sofrer perseguição porque queremos que os pobres possuam a terra; que os que choram sejam consolados; que os que têm fome e sede de justiça sejam saciados; que a lógica da misericórdia, da pureza no coração e da paz, seja a que governa a nossa vida, a nossa história, as nossas relações.

Vamos ser perseguidos, sim, porque ainda hoje tem muita gente que não quer entregar a terra aos pobres; que não quer que os que choram sejam consolados; que não quer saciar a fome de justiça do povo; que considera a maior ilusão agir segundo a lógica da misericórdia, da pureza no coração e da paz.

Daí a perseguição, inevitável. A cruz não é um acidente no caminho do pobre no Espírito: é o sinal de fidelidade à memória de Jesus e ao seu projeto.

Querer eliminar a perseguição é querer eliminar a ação do Espírito. É inventar nossa própria espiritualidade.

O que é espiritualidade?

Espiritualidade é deixar-nos conduzir pelo Espírito. E ele, sempre, nos conduz ao calvário, porque cremos, apesar de todo projeto neoliberal, que a terra pertence aos pobres. Cremos, apesar de todo sacrifício imposto pelo mercado, que ninguém tem que chorar. Cremos, apesar do triunfo do capitalismo, que ninguém deve continuar com fome, ou sede de justiça. Cremos, apesar das forças internacionais da ONU/EUA, que a misericórdia e a paz são a lógica das nossas relações. Cremos, apesar de todo consumismo idolátrico, que a pureza no coração é que vem de Deus.

Cremos, e por isso damos a vida!

Por isso: ***Felizes vós, quando vos amaldiçoarem, vos perseguirem, mentirem maldosamente contra vós, por causa de mim...***

Esta é a conclusão! Este é o ponto de chegada de todas as bem-aventuranças. Todas elas se resumem, agora, nesta: Felizes vós quando perseguidos.

Aqui queria chegar Jesus, segundo o testemunho de Mateus, como o de Lucas.

Espírito e perseguição andam juntos, desde sempre!

Felizes os pobres, felizes os perseguidos. Duas categorias que parecem ser o protótipo da infelicidade. Este é o milagre do Espírito: a possibilidade que cruz, pobreza e felicidade possam andar juntas.

A festa nunca deve substituir a cruz. O lado afetivo nunca deve substituir o político, o indivíduo nunca deve substituir o coletivo. O ecológico nunca deve substituir o social. A cultura, o feminino, o corpo nunca devem substituir as questões de classe. A leitura orante da Bíblia nunca deve substituir a leitura sociológica.

Pena eliminarmos a cruz, a perseguição e, por tabela, o Espírito. Nunca encontraremos perdão. Nunca!

Longe de espiritualizar o texto da *fonte Q*, que teria sido mantido por Lucas, Mateus propõe como lógica da verdadeira espiritualidade a do confronto político até a morte. Lucas, falando aos gregos, para respeitar a mesma mensagem, teve que recorrer à formula do contraste, eliminou a palavra Espírito que podia ser mal interpretada por seus ouvintes imbuídos de dualismo platônico (como aliás aconteceu e acontece até hoje) e chegou à mesma conclusão:

Felizes vós quando vos perseguirem... ai de vós quando não vos perseguirem...

A perseguição distingue o verdadeiro do falso profeta.

E isso com festa, "alegres por ser dignos de sofrer perseguição por causa do Nome" (At 4,41).

Deles é o Reino dos céus.

Esta é a razão da felicidade: o reino dos céus JÁ, HOJE, AGORA pertence aos pobres que, no Espírito, sofrem perseguição. Não precisamos esperar por amanhãs fora da história para termos o Reino. É já, é hoje.

Mas como combinar a presença do Reino com os pobres sem terra, com tanta gente chorando, com povos inteiros tendo fome e sede de justiça, quando ainda dominam a vingança, a ganância, a violência?

Eu tentava explicar isso aos camponeses de Macapá, falando do mistério do "já" que continua "ainda não", quando se levantou dona Augusta e disse: "Sandro, deixa eu explicar o que entendi". E começou a falar:

É igual a uma mulher que está gestante. Um dia o filho vai vir à luz, um dia a mãe irá saber se é menino ou menina, qual o feitio dele, se está bom ou tem problemas. Naquele dia, as pessoas dirão: hoje ele nasceu.

Mas a mãe sabe que já tinha nascido muito tempo antes, porque o sentia espernear e pular na sua barriga. Quando nasceu o menino?

Assim é com o Reino de Deus. Já está nas nossas barrigas, e ainda não veio à luz. Mas que já vive, vive: a gente o sente dentro da gente!

Só não nasce se nós abortarmos!

É a fecundação pelo Espírito, como com Maria. O que nascer de nós, vai ser chamado Filho de Deus.

COMO CONCLUSÃO

Viver esta espiritualidade capaz de unir indissoluvelmente a luta com a festa, a nossa pobreza com a força do Espírito, o nosso presente com o futuro da caminhada de toda a humanidade, é um desafio nestes dias em que a supremacia indiscutida do mundo capitalista ocidental se nos impõe com força.

O fim das utopias, proclamado como evangelho pela sociedade capitalista, depois da queda do socialismo real, e a aparente e mesmo assim dolorosa falta de alternativas nos vencem e provocam o cansaço e a vontade de nos retrair.

O crescimento impressionante dos movimentos pentecostais e carismáticos, dentro e fora das igrejas históricas, levou muita gente a julgar, creio eu erroneamente, que a dimensão política que estava sendo dada à religião não conseguia atender às exigências pessoais e afetivas dos indivíduos, que se dirigiram a estes novos movimentos religiosos em busca de saciar sua sede de espiritualidade. Movimentos esses, aliás, em que o Espírito Santo é o grande protagonista, mas que nunca se aproximaram do risco da perseguição.

A pressão primeiro-mundista, empurrando reflexões alternativas e mais "modernas" como o ecofeminismo, o controle da mente, o personalismo lúdico, a holística, quer continuar controlando nossa linha de pensamento mantendo-nos, como foi ao longo dos séculos, intelectualmente dependentes. A tentação de "cairmos nessa" é grande e a nossa velha teologia da libertação acaba nos parecendo irremediavelmente obsoleta.

Continuar, neste momento, a manter teimosamente aberto o caminho da busca da justiça, continuar acreditando em projeto, em conflito, em libertação, é o desafio que nossa espiritualidade nos propõe. É a obra do Espírito na qual será provada nossa fidelidade.

Sandro Gallazzi
Caixa postal 12
68906-970 Macapá, AP